

O santo com a sua visão capaz de ausentar-se de si para mirar-se como se fosse um espelho forrado de consciencia compreende que ficou presa de um exagerado amor próprio, de egolatria de sua inteligencia, deste mal presente ~~entre~~ ^{artistas} em quase todos os ~~intelectuaes~~ e que se chama orgulho intelectual.

Orgulho intelectual, feio pecado, brame o santo, terrivel pecado tão terrivel quanto qualquer outra especie de orgulho!

Nisso ouve que alguém fala de dentro de sua cela, muito perto, ao seu lado. Alucinação auditiva: está só, só como no ~~o~~

ventre materno, só e Deus, Deus ~~fraxaxaxf~~ circumdante, ^{Deus impregnante que o} ~~omnipresente para exprobrar~~ da negra mancha da vaidade literaria. Mas a voz se repete, quase um clamor, uma queixa, agora verdadeiramente um pedido.

- Dá-me alguma coisa, Jerônimo! diz-lhe o Menino-Deus.

(É realmente o menino Jesus quem está ali a falar-lhe.

- Pede o que quizeres, Menino, meu coração, por acaso já não é teu? Pede o que quizeres, menino!

Dá-me alguma coisa, Jerônimo, insiste o menino.

- Queres os meus pobres livros, ^{?P} gustaram-me a existência, mas se os preferes toma-os Menino, leva-ás contigo.

- Dá-me alguma coisa, Jerônimo, ^{?P} porfia o Menino.

- Que posso dar-te, Menino, ^{?P} Não sou todo teu? Que posso dar-te?

- Dá-me teus pecados, Jerônimo, dá-me este feio pecado de te julgares superior aos outros, por seres ~~inteligente,~~

~~Jerônimo~~ ^{saber mais que os outros, Jerônimo.}